

A representação da velhice em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende/ *The representation of old age in Forty Days*, by Maria Valéria Rezende

Ana Lúcia Maria de Souza Neves*

Bruno Santos Melo**

RESUMO

No presente artigo realizamos um estudo da representação da velhice no romance *Quarenta dias* (2014), da escritora paraibana Maria Valéria Rezende. A obra retrata os dramas vivenciados por Alice, uma professora de francês aposentada que reside em João Pessoa e que tem sua vida transformada a partir da possível gravidez de sua filha. A personagem é obrigada a deixar para trás tudo o que havia construído no Nordeste para ir morar em Porto Alegre e se dedicar exclusivamente à condição de avó de um neto que ainda não havia sequer sido gerado. Definimos como principais objetivos deste trabalho: 1) discutir o conflito existencial e social vivenciado por Alice nas trilhas do encontro consigo mesma neste processo de não reconhecimento da representação forjada para a pessoa “velha”, termo referido pelas personagens, em detrimento de idoso; 2) investigar a atitude assumida pela personagem protagonista frente às representações que a enquadram como “velha”. Embasamos as discussões nas teorias de Melo (2010), Dalcastagnè (2007, 2008, 2011), Schollhammer (2009), Arruda (2012); Bosi (2012, 1997), Beauvoir (1983); Bauman (2001, 2005), Hall (2014) e Woodward (2014), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Valéria Rezende; Quarenta dias; Velhice; Representação; Identidade.

ABSTRACT

In the present article we performed a study about the representation of the old age in the novel Forty days (2014), written by Maria Valéria Rezende, from Paraíba. The novel portrays the dramas experienced by Alice, the retired French teacher who lives in Joao Pessoa and has her life changed because of the possible pregnancy of her daughter. The character is forced to leave behind everything she has done in Northeast to move to Porto Alegre and dedicate herself to the condition of being the grandmother of a grandson that had not been generated yet. We define the main objectives of this work as: 1) discuss the existential and social conflict experienced by Alice in the paths of the encounter with herself in this process of not recognition the representation forged for the "old" person, a term referred by the characters, to the detriment of the old man; 2) investigate the attitude assumed by the protagonist character in front of the representations that frame her as "old". We base the discussions on the theories of Melo (2010), Dalcastagnè (2007, 2008, 2011), Schollhammer (2009), Arruda (2012); Bosi (2012, 1997), Beauvoir (1983); Bauman (2001, 2005), Hall (2014) and Woodward (2014), among others.

KEYWORDS Maria Valéria Rezende; Forty days; Old age; Representation; Identity.

1 Introdução

Na sociedade brasileira desde o período colonial o lugar social atribuído às mulheres esteve delineado em moldes machistas e patriarcais. Neste contexto, portanto,

* Doutora pela UFPB; Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da UEPB; Membro do Grupo de Pesquisa Abordagens de textos literários na escola; E-mail: analiteraturasouza@yahoo.com.br

**Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Campina Grande – PB, Brasil. bsantosletras@gmail.com

à figura feminina foi destinado o espaço privado, enquanto ao homem o público. Esta cultura preconceituosa e machista no mundo ocidental acentua-se, nas palavras de Michele Perrot, no século XIX:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar, quase predeterminados. Até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. ‘Ao homem a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos,’ declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. (PERROT, 1992, 178).

Nas últimas décadas do século XX os movimentos sociais como o das feministas deram início à desestabilização de alguns (pre)conceitos instituídos, contribuindo para que a literatura, assim como as artes em geral, assumissem novos traços, novos delineamentos, novos caminhos na representação da mulher, assim como de outros grupos (pobres, negros, trabalhadores). A produção literária na contemporaneidade evidencia uma ressignificação de muitos valores e “normatizações”, que servem, muitas vezes, enquanto subterfúgios para que estereótipos e preconceitos galguem espaços no processo de representação do outro nas poéticas e narrativas. Estes espaços, antes restritos a um determinado grupo, “em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média (DALCASTAGNÈ, 2007, p.18), sofreram modificações, destinando o espaço da enunciação agora àqueles que tiveram este direito subtraído. Dalcastagné, discutindo a questão da auto-representação de grupos marginalizados na literatura contemporânea, ressalta a importância da discussão do lugar da fala nos textos:

Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20).

Em um leque de alternativas que a contemporaneidade tem oportunizado para o processo de representatividade, diversos são os grupos que se afirmam identitária e ideologicamente por meio da arte em suas múltiplas instâncias e suportes, dentre elas, através da literatura. Observamos em grande parte da produção literária produzida no fim da década de 90 até os dias hodiernos não mais a representação de um sujeito

enunciado pelo olhar do outro, mas sim a enunciação do próprio sujeito, como supracitado, de modo que o leitor percebe, de um ponto de vista interno, o processo do construto literário em outro viés: o marginal, o subalterno, que traz para si o protagonismo das obras. Estamos concebendo marginal à luz das reflexões de Dalcastagnè:

Tudo isto se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20).

Situado neste contexto encontra-se o romance *Quarenta dias (2014)* escrito por Maria Valéria Rezende. A obra, selecionada para análise neste artigo, em linhas gerais, retrata a história de Alice, professora aposentada de francês que reside em João Pessoa, na Paraíba, onde leva uma vida pacata, até o dia em que sua filha, Norinha, que mora em Porto Alegre, decide que quer ter um filho e incube à sua mãe a tarefa de cuidar da criança. Antes mesmo de engravidar, a moça vende todas as coisas de Alice e a obriga a viajar para Porto Alegre a fim de que a personagem se familiarize com sua “nova casa”. A mãe, dentre todas as suas coisas, só consegue salvar um caderno velho que traz na capa a boneca Barbie, que se torna um diário no qual a personagem relata os conflitos, os medos, os encontros e desencontros vivenciados no novo espaço.

Ao chegar ao seu destino, Alice descobre que a filha e o genro mudaram de planos e estão indo estudar na Europa, deixando-a sozinha em Porto Alegre. Desnorteada, Alice decide procurar um rapaz, filho de uma conhecida, que havia deixado a Paraíba para trabalhar no Sul e não mandava notícias para a mãe há muitos anos. Nesta procura, a personagem se perde e passa quarenta dias vagando pela periferia de Porto Alegre onde conhece muitas pessoas em situação de miséria, abandono e violência. Em meio ao desconhecido, pessoas, espaços, realidade social, Alice, revela um olhar crítico e poético sobre a realidade que a cerca. Neste percurso, a personagem também reage contra as hierarquias e estratificações e engendra práticas criativas e transformadoras, dentre elas destaca-se a escrita, pela presença recorrente na vida de

Alice, de modo que escrever exerce assim um papel fundamental na constituição da subjetividade da personagem.

Diversas questões podem ser elencadas a fim de refletir acerca das várias temáticas inseridas no romance. No entanto, para este trabalho, é nossa intenção investigarmos: Qual (ais) a (as) representação (ões) acerca do processo de envelhecimento e da pessoa “velha”, termo referido pelas personagens, em detrimento de idoso, no romance contemporâneo *Quarenta dias* (2014)? E qual a atitude assumida pela personagem protagonista frente às representações que a enquadram como “velha”?

2. “O caderno veio pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu”: aspectos da literatura contemporânea no romance *Quarenta dias* (2014)

A produção literária contemporânea nacional, situada em um contexto de constantes transformações no âmbito do social, do político e do cultural, vem conquistando os mais variados espaços na crítica literária. Em um viés democratizador, oportuniza a expressão, sobretudo de grupos minoritários, que, em um contexto histórico de constantes condicionamentos e subalternizações, tiveram suas vozes silenciadas e suas representações sendo expressas sempre a partir do olhar do outro.

Essa literatura não é passível de emolduramento ou padronização, tendo em vista a multiplicidade e heterogeneidade dos textos produzidos, abarcando, sobretudo, temáticas sociais e existencialistas, problematizando a existência do próprio indivíduo tanto no âmbito das relações sociais quanto no âmbito da sua subjetividade, apontando, assim, para sua descentralização e fragmentação, refletidas por meio de escritos também fragmentados e descentralizados. Estes escritos espelham, muitas vezes, a realidade vivida na contemporaneidade:

A vida do homem contemporâneo está cada vez mais envolvida com um ritmo frenético, uma descontinuidade de tempo e espaço, uma necessidade cada vez maior de trabalhar mais para viver melhor e um desejo de viver melhor para poder trabalhar menos. Tudo se resume a pequenas partes separadas de um quebra-cabeça que parece não se juntar nunca, de forma a apresentar a vida – que é (ou deveria ser) algo contínuo e ininterrupto – em algo completamente fragmentado e separado pelos dias vividos e pelos ambientes e situações encontradas. (ARRUDA, 2012, p. 228).

Dessa forma, o espaço encontrado nesta literatura evidencia a denúncia das condições desumanizadas vividas pelas pessoas nos dias atuais. A obsessão pelo crescimento econômico e a realização pessoal a todo custo, relacionada, muitas vezes, à crise de valores ligados à moral e a ética, na busca desarrazoada por dinheiro, prestígio e poder.

Outra característica do romance contemporâneo é a presença do espaço urbano subdividido em dois grandes polos: o centro e a periferia. As grandes metrópoles apresentam singularidades que as delineiam e particularizam, ao passo que a confluência de realidades e vivências distintas nestes ambientes espelham nas obras a heterogeneidade e as disparidades do próprio sujeito social, que, majoritariamente fragmentado, persiste em uma busca por si mesmo. Como aponta Melo (2010, p. 171): "O indivíduo, no interior das grandes cidades, passa a ser redimensionado não apenas como corpo físico, mas linguístico e virtual, perspectivas estas que lhe conferem uma constituição prismática e ambígua". Isto acontece com Alice, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Pela primeira vez, desde que começou essa minha migração forçada, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada pra fora, fungando, querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada, uns com essa cara de luxo padronizado que se espalha igualmente de Dubai a Xangai passando até pelo “edifício mais alto do Brasil”, em João Pessoa, outros em construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo (REZENDE, 2014, p. 99).

A personagem, a pedido da amiga paraibana que não tem notícias do filho desde que foi a trabalho para Porto Alegre, caminha pela cidade, empreendendo a busca por Cícero Araújo. Na trajetória, ela passa a observar mais a realidade da metrópole de Porto Alegre. Nesta observação, pode-se explicitar uma relação metafórica, em que o passeio em busca do sujeito perdido, é, na verdade, uma busca por si mesma, ao afirmar que “[...] outros em construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo” (REZENDE, 2014, p. 99). Vemos, portanto, que há uma relação direta da personagem com o cenário, de modo que não se pode saber se a cidade está nascendo ou morrendo,

assim como a protagonista, que vivencia um movimento de nascimento-morte ao ser assujeitada a uma nova vida, que teve como preço o sucumbimento de “[...] sua antiga vida, tão bõinha” (REZENDE, 2014, p. 34). Assim, Alice encontra-se em uma situação de descoberta de um novo mundo, que pode ser encarado como o nascimento, um convite a uma nova vida, totalmente diferente, mas que, para ser vivenciada, tem um preço: a renúncia de sua “verdadeira” vida, ocasionando a “morte” desta. Diante deste processo ambivalente, a personagem vivencia um constante conflito, entre o “querer ser” e o “que as pessoas querem que ela seja”, como se percebe em outro trecho da narrativa: “Essa peitica ia me dando uma gastura!, eu, calada e quieta, só ouvindo toda aquela leseira, aquilo parecendo uma cantoria de incelências na sentinela da minha antiga vida, pra todos eles já defunta.” (REZENDE, 2014, p. 34).

Como citado anteriormente, a voz dos marginalizados agora tem a chance de ecoar na literatura a partir da periferia, dos próprios lugares de fala, constituindo, dessa forma, um sujeito empoderado do seu discurso tem a autonomia devida para falar da realidade vivenciada, quer seja na ordem do coletivo ou na do individual. Assim, pode-se afirmar que

[...] percebe-se cada vez mais os efeitos históricos (marginalização, exclusão, conflito) da periferização da sociedade contemporânea: nela se encontram, ainda, a busca de afirmação identitária, rompendo margens canônicas tradicionais e excludentes. (PEREIRA, 2015, p.55).

Com isso, podemos destacar que há um constante processo de busca pela identidade, afirmando-se a partir de relações ideológicas que tem como princípio a alteridade, a diferença e a heterogeneidade que circunda a sociedade. Assim, torna-se cada vez mais difícil responder a perguntas do tipo: O que é ser mulher? O que é ser velho? Dessa forma, ressalta-se a fluidez e a disposição das identidades para com os sujeitos (BAUMAN, 2005), tendo em vista o contexto de multiplicidade e particularidades em que se encontram estas representações do indivíduo enquanto ser social.

No entanto, é válido salientar que esta consciência de si, dos processos de configuração identitária e a aquisição do empoderamento e da representatividade, sobretudo discursivo, pelos grupos minoritários, não implica apenas o deslocamento da periferia para o centro, afinal,

[...] ideia do pós-modernismo em focalizar as margens não quer dizer mudar as posições: trazer a margem para o centro. A intenção é questionar essa disposição interno/externo, centro/margens e despertar uma consciência tanto estética quanto política existente nessas relações (ARRUDA, 2012, p.228).

Vemos, então, que na literatura contemporânea as minorias buscam tornarem-se protagonistas de suas próprias histórias, construtores de suas próprias identidades, desvencilhando-se de estereótipos e imposições que se arrastam por séculos, galgando os espaços que lhes são próprios por direito, de modo que “um trabalho desta natureza consiste em pensar o que está posto como modelo fixo, centralizado (...)”. (RAMOS, 2013, p.58).

Diante desse contexto de desestabilização de (pre)conceitos, até mesmo na ampliação do conceito de literatura, diversos são os textos produzidos nesse campo, nos mais diversos gêneros e suportes. Entre eles, encontra-se o romance, um gênero literário que tem se apresentado na contemporaneidade como mais um espaço que se encontra à disposição do indivíduo, não apenas a fins estéticos ou de expressão artística, mas de afirmações identitárias, além da representação das mais diversas realidades. Além disso, pode-se destacar que muitos textos que são classificados nesse gênero, caso de *Quarenta dias* (2014), apresentam particularidades, inclusive formais, advindas da pós-modernidade, distanciando-se, de certa forma, do romance tradicional. E este é muito bem delineado pela crítica e teoria literária, tendo uma estrutura que se convencionou primordial para a classificação de um escrito enquanto tal, ao passo que aquele se apresenta mais livre do processo de “homogeneização”, dando margem, assim, para se pensar no romance não mais como um gênero uniforme, mas sim enquanto um escrito predominantemente dialógico, polifônico, intergenérico, etc., conforme Bakhtin já havia discutido em *Epos e o romance* (1998).

É perceptível que o romance de Valéria Rezende apresenta um cunho memorialista e confessional, ao passo que se configura enquanto um agrupamento de diversos escritos cotidianos que expressam uma rotina, dos quarenta dias de peregrinação vivenciados pela personagem. Na própria estruturação do texto podemos perceber a aproximação com o texto diarístico ao passo que não apresenta divisão por capítulos bem delineados e em muitos momentos, interrupções no que diz respeito ao

desenvolvimento das ideias e sequenciação dos fatos: “minhas ideias ordenando-se, eu lhe contando tudo mais ou menos com começo, meio e fim, ou fim, meio e começo” (REZENDE, 2014, p. 92).

Assim como em um diário, as histórias são narradas à medida que o sujeito julga melhor ou mesmo se lembra, tendo em vista a turbulência da rotina cotidiana. Já que é uma escrita destinada a si, apresenta-se em um processo monológico, sem perder de vista que mesmo o monólogo é também dialógico (BAKHTIN, 2008, p. 235), em que não há apenas um mero diálogo consigo mesmo, mas também “autoaconselhamento” do sujeito que escreve: “Deixe de embromar, Alice, confesse que o broto desse espinheiro que cresceu dentro de você foi a revelação do egoísmo da sua filha. Foi isso. Diga à Barbie o que você está sem coragem de dizer a si mesma. Diga” (REZENDE, 2014, p. 24).

Dessa forma, podemos afirmar que na contemporaneidade “o romance assume, em sua multiplicidade de formas, novos modos de compreensão da escrita e da leitura, que ora rompem, ora dialogam com a tradição” (MELO, 2010, p. 12). No entanto, faz-se necessário pensar a literatura contemporânea não como abolição da literatura clássica, canônica, mas sim como escritos que bebem do clássico, mas desprendem-se de rótulos e/ou emolduramentos, configurando-se, portanto, enquanto “um meio peculiar de questionar seu *locus* social, de se perceber no universo interior e exterior e, quem sabe, de encontrar alguma resposta.” (MELO, 2010, p. 14). A personagem protagonista de *Quarenta dias* (2014) vive um constante conflito principalmente consigo mesma em relação à compreensão do turbilhão de sensações que está experienciando, encontrando na escrita uma forma de subterfúgio ou mesmo amenização da dura realidade na qual foi obrigada a se inserir: “[...] parece que a rotina de escrever é o que agora está mesmo me fazendo bem” (REZENDE, 2014, p. 63).

No romance, são perceptíveis as marcas da literatura contemporânea, dentre estas: a temática que focaliza problemáticas vivenciadas por pessoas comuns, a exemplo da mulher de meia idade, o espaço predominante metropolitano, a violência dos grandes centros, a escrita “desordenada”, entremeada pelo diálogo entre diferentes gêneros textuais e literários, a versatilidade entre o verbal e o não-verbal, pois

A vida em fragmentos é inspiração para a arte pós-moderna. Essa descontinuidade é feita pela hibridização de gêneros, pela mistura de texto literário com não literário, pela ruptura inesperada da obra, pela mistura de materiais e recursos. Tudo isso é feito de maneira consciente pelo artista num intuito de apresentar o homem contemporâneo como ele é em seu cotidiano fragmentado e desconexo. (ARRUDA, 2012, p. 230).

Percebemos que a “quebra” com os parâmetros norteadores da escrita literária clássica torna a obra ainda mais próxima da realidade vivenciada pelos mais diversos grupos sociais, estabelecendo um caráter mais verossímil, como observamos na fala da personagem protagonista, ao expressar o que sente em relação a todas as mudanças que ela vivencia:

E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mijá e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. (REZENDE, 2014, p. 14).

No excerto, percebemos a ausência de vírgulas e o encadeamento das frases pela reiterada repetição do conectivo *e*. O ritmo da leitura se torna mais dramático e dinâmico, tornando as ações descritas mais acentuadas semanticamente. A personagem vivencia justamente esse encadeamento de ações, sem ter sequer o direito de expressar alguma opinião contrária, visando sempre o bem estar de Norinha, sua filha. Merece atenção a repetição do verbo “falar/fala” empregado três vezes, fazendo referência aos discursos dos outros personagens impondo seus posicionamentos para Alice, que é levada de um lado para o outro, como um bicho: “[...] a nebulosa que eu tinha atravessado, zozona de sono e revolta, encolhida feito bicho maltratado dentro do carro de Umberto” (REZENDE, 2014, p. 60).

Dalcastagnè e Thomaz (2011, p.11), na obra *Pelas margens: representação na narrativa contemporânea*, referindo-se aos estudos presentes na coletânea, revelam preocupação com “as representações dos marginalizados, que estão afastados dos espaços sociais de produção discursiva e, assim, quase sempre são apresentados por meio de um olhar externo.” Em Rezende, ao contrário, o marginalizado (mulher com 50 anos, aposentada, vivendo nas ruas) tem o espaço garantido à enunciação de suas dores, de seus medos, de seus desejos:

Lola, Arturo, foram só os primeiros, depois vieram tantos outros! Fui aprendendo, ficando mais e mais igual a eles [...] e eram tantos!, aves migrantes de todas as espécies, perdidas do bando, cansadas ou extraviadas a meio do caminho. (REZENDE, 2014, p.238).

Outra característica, relacionada à linguagem, predominante no romance é a presença de diversos gêneros textuais, como anúncios publicitários, bilhetes, simpatia, anúncio de animal perdido, contos, entre outros. No decorrer da narrativa, a personagem, na ânsia de escrever, faz uso dos papéis que encontra mais perto para registrar o que está sendo vivenciado. Esses textos, que têm o seu sentido primo reduzido a rascunho, são apontados na trama e, posteriormente apresentados ao leitor, enriquecendo e ampliando as interpretações. A sobreposição e a aparente aleatoriedade destes gêneros podem apontar para a representação da própria sobreposição identitária da personagem, que se torna um verdadeiro palimpsesto, ao passo que vivencia um constante conflito entre o que lhe é imposto, aquilo que se espera de uma “velha”, e aquilo que ela quer ser. No entanto, Alice “apaga” o texto que constroem a respeito dela e redige sua própria história, pois, ainda que se renda às vontades de Norinha, encontra estratégias de fuga que lhe possibilitam a emancipação enquanto sujeito. Tratando-se de um texto autoficcional, podemos afirmar que “[...] é possível misturar os gêneros, modificar a forma, ousar, experimentar, escrever um texto de estrutura híbrida.” (MARTINS, 2014, p.26).

3- “O que é isso, mãe? Parece que virou uma velhota sentimental, com esse apego a coisas completamente ultrapassadas”: representações acerca da mulher de meia-idade

Em entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck, Ecléa Bosi afirma que

Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem um enraizamento num dado espaço ou numa comunidade, mas este continua sendo um direito humano fundamental. Como dizia Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de

natureza econômica) é a espoliação das lembranças. (BOSI, 2012, p.198).

Assim, faz-se relevante observarmos e refletirmos acerca de alguns questionamentos sobre os espaços ocupados pelo idoso na sociedade contemporânea, sobretudo sua representação na literatura. Quais são os espaços oferecidos a estes? Até que ponto sua autonomia é exercida? Quais elementos e/ou comportamentos tornam ou classificam um sujeito enquanto velho? Como é notório socialmente, o idoso tem uma identidade estereotipada, que muitas vezes o reprime e o subalterniza, reduzindo-o a ofícios tipicamente domiciliares, como cuidar dos netos, apaziguar os conflitos familiares, além da função de lembrar e aconselhar, como afirma Marilena Chauí na apresentação do livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1997). Dessa forma, há uma força coletiva (sobretudo no seio familiar) que impõe valores e prescrições, ditando aos velhos modos de se portar, falar, o que fazer e o que não fazer, sobretudo. Conforme afirma Simone Beauvoir, em *A velhice* (1990):

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence. (BEAUVOIR, 1990, p. 99).

No romance, Alice é representada como uma “velha”, a atribuição do conceito de velhice à mãe pela filha carrega consigo uma carga ideológica que visa reduzir ou mesmo inferiorizá-la a fim de promover e efetivar um discurso persuasivo, carregado de emocionalismos e culpabilidades, travestido de benéfico, como algo bom para a protagonista, afinal, “ao lado do sentimento de responsabilidade, é inculcado na pessoa de meia idade o sentimento de culpabilidade” (HADDAD, 1986, p. 93). Rendida aos apelos da filha, Alice vivencia inquietações que a assombram, tendo suas vontades e desejos negados para a emancipação do mundo da filha:

Sei lá!,a isso, sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia, vai ver que foi só mesmo pra dizer Não a alguém, fincar pé contra mais uma vontade alheia querendo tomar o controle daquela minha vida, já escapando feito água usada pelo ralo desde que me decidi, ou cedi? O caderno veio [...] pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu (REZENDE, 2014, p. 9).

Em meio a todo o rebuliço que sua vida se transformara, tendo perdido o direito ao controle de si mesma, restava a Alice apenas assistir ao “esvaziamento de sua casa e de sua vida” (REZENDE, 2014). Lembranças, pessoas, sentimentos... tudo seria deixado para trás, sempre em prol do bem-estar de Norinha, sua filha. Restou-lhe apenas um caderno amarelado, com a boneca Barbie na capa, única coisa que conseguiu manter de sua “antiga vida”. A todo instante suas vontades eram reprimidas, sobretudo, por sua filha, sempre alegando que sua mãe estava “velha demais” para qualquer ação que fugisse de suas prescrições: “Minha filha disse O que é isso, mãe? Parece que virou uma velhota sentimental, com esse apego a coisas completamente ultrapassadas” (REZENDE, 2014, p. 7). Segundo Canôas, em *A condição humana do velho* (1983):

Ser dono da casa assume a condição para o idoso de ter voz ativa na família, além de deixar claro que não depende dela. Os filhos, em muitos casos movidos pela afetividade, fazem o pai ou a mãe [...] transformar radicalmente sua vida desfazendo-se de sua casa, móveis, objetos domésticos. Esta atitude plena de proteção, “nós agora cuidaremos de você”, é responsável pela infelicidade de grande parte de idosos. (CANÔAS, 1983, p. 43).

Alice, embora seja apresentada como independente, tendo em vista que tem sua casa própria e possui uma renda advinda da aposentadoria para se manter, é obrigada a submeter-se aos desejos e às imposições de sua filha. A representação que Norinha faz da mãe é a de uma pessoa incapaz e sem direitos.

Diante disto, é pertinente trazer a fala de Bosi (1997, p. 78) ao afirmar que: “Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para ‘seu próprio bem’”, fato que se percebe nitidamente nas atitudes de Norinha para com sua mãe, alegando que seria o mais inteligente a se fazer, utilizando-se de inúmeros artifícios, como demonstrações afetuosas, antes não existentes, persuasão, pressão psicológica, e, sobretudo, a chantagem emocional, remetendo-se ao passado, no intuito de convencer Alice a realizar seu desejo:

Foi pelas cicatrizes que ela me pegou e não largou mais, chantageando: por minha culpa ela tinha crescido praticamente sozinha, eu me ausentava, só pensando em trabalhar pra esquecer a tragédia da minha juventude, ela não tinha culpa de nada, fui eu que nem tive coragem de recomeçar a vida. (REZENDE, 2014, p. 27).

A vida de Alice não foi fácil, assim como a de muitas mulheres, aspecto ressaltado na literatura Rezendeana, que retrata a realidade difícil vivenciada pelas mulheres, principalmente, pobres. A personagem engravida ainda jovem, quando namorava com Aldenor, que sumiu há mais de trinta anos, chegando a notícia de que havia morrido pelo envolvimento com questões políticas. Com o desaparecimento do marido, Alice precisou cuidar e manter sua filha, para isso teve de trabalhar e ficar muito tempo fora de casa, longe de Norinha.

Ao refletirmos acerca da esfera das representações sociais e das estabilizações de padrões sociais, como a relação maternal, por exemplo, compreendemos o sentimento de culpa de Alice, da imposição por uma série de fatores, sobretudo culturais, pois a relação entre mãe e filho instaurou-se e é representada comumente de forma amorosa, na qual a mãe sempre tende a sacrificar e anular suas vontades para a ascensão do filho. No entanto, muitas dessas relações têm se desestabilizado, haja vista a tendência à ressignificação dos valores e práticas culturais:

Os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos (ou do que poderia ser visto como sendo do interesse de um indivíduo), se tornam cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários. (BAUMAN, 2001, p. 9).

Assim, as relações sociais na contemporaneidade, em sua maioria, estão por reduzir-se a um jogo de interesses, no qual há a desvalorização do ser e a supervalorização do ter, do materialismo, da conquista dos interesses próprios, não mais os comuns. A relação entre Alice e Norinha durante muitos anos foi estável, boa, até. No início do ingresso da filha à faculdade (marco divisor de águas na (re)construção identitária de Norinha), tudo corria bem, apesar da vida profissional e pessoal que levava e em meio a tantas ocupações, encontrava um tempo para falar com sua mãe: “Bença, Mãinha, tudo bem com você?, se cuide, viu!, saia de casa, vá se distrair!, um cheiro...” (REZENDE, 2014, p.20) Porém, com o decorrer do tempo a relação tornou-se cada vez mais fria e distante, a partir das atitudes da filha para com Alice:

como o dia em que estava um friozinho excepcional pra João Pessoa e resolvi fazer uma sopa quente pro jantar, aproveitando umas batatas-baroas que tinha achado no mercado. Batata-baroa, saudade do sítio

do meu avô!, uma raridade na cidade, mais batata-inglesa, cenoura, cebola e caldo de galinha, tudo de bom! O cheiro da sopa no fogo já tinha impregnado a casa quando Nora chegou. Vai fazer sopa hoje, Mãinha? Que horas? Já está pronta, se quiser é só bater no liquidificador... Como nunca me esperava pra cear, pois ia correndo pra faculdade, apenas ouvi vagamente que estava mexendo na cozinha enquanto eu assistia à novelinha das seis. Tão distraída com a novela, nem percebi que ela já tinha saído. Tudo bem, até que fui tratar de pôr a mesa pra mim. Só tinha sobrado menos de uma concha rasa de sopa! (REZENDE, 2014, p.22).

Apesar do ato da filha, Alice finge não se importar para não aborrecer Norinha e, mais uma vez, anula-se em prol do bem estar dela, tendo suas próprias vontades não respeitadas: “Vivia acrescentando coisas estranhas nas minhas listas de feira, que eu fielmente obedecia... eu, que nem minha avó, fazendo qualquer coisa pra evitar discussão.” (REZENDE, 2014, p.22). Os papéis se invertem e a superioridade, antes da mãe, passa a estar nas mãos da filha, que “assume as rédeas” da vida de Alice e abusa dessa “autoridade”, não respeitando a autonomia que desde cedo teve sua mãe. O amor e o carinho são revertidos em interesses próprios, visando apenas à realização dos anseios de Norinha, de modo que

percebemos agora que o velho sente todo o desprezo, a autoridade do jovem, mas procura não ver, encontrando formas fantasiosas para representar o jovem. Submete-se docilmente para não sofrer, percebe que está em um nível desigual de relacionamento. Nessa submissão, o velho vai-se escondendo e parecendo cada vez mais com o que os outros querem que ele pareça. (CANÔAS, 1983, p. 57).

Podemos afirmar, portanto, que a filha de Alice empodera-se da linguagem enquanto uma prática discursiva e, sobretudo condicionante, pois é por meio da persuasão e da manipulação das ideias e emoções que esta alcança seu objetivo na narrativa, o de convencer a mãe a se mudar para Porto Alegre. É válido afirmar que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p. 10). Dessa forma, aqueles que alcançam esse poder tendem a fazer uso dele das formas que forem necessárias para concretizarem seus desejos, ao ponto da personagem demonizar sua mãe, de certa forma, pelo fato de cogitar a hipótese de não ceder a suas vontades, sem se importar com os sentimentos que afligiam a sua mãe: “[...] e eu cada vez mais assombrada ao descobrir como minha

filha via a vida que me matei pra lhe dar, as culpas que me atribuía, a imagem que tinha de mim.” (REZENDE, 2014, p. 28).

Alice, por sua própria vontade, preferia não sair de sua terra natal, onde viveu toda a sua vida, junto aos amigos e à família. Tudo o que acumulou em uma vida estava agora à venda, num *garage sale*, promovido por uma prima no intuito de angariar fundos para ajudar nas despesas da viagem para Porto Alegre para cuidar do filho que Norinha estava disposta a ter. Bosi (1997, p.435) afirma que "tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver". Dessa forma, ser obrigada a desvencilhar-se de seus objetos, de seu lar e de tudo que fez parte de sua vida é ser obrigada a desvencilhar-se de quem ela era, haja vista que tudo isso corrobora para a construção identitária da personagem. Assim como a prima Elizete, uma vizinha também apoia Norinha em convencer Alice a se mudar para o Sul:

Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece um jumento empacado na lama, continuar com uma besteira dessas. Eu cedi, vergonhosamente. (REZENDE, 2014, p. 34).

Alice vivencia uma das problemáticas recorrentes, sobretudo, na contemporaneidade no que diz respeito à representação da pessoa de meia idade. Em muitas famílias, a mulher de meia-idade tem sua vida “reduzida ao papel de avó”. No romance a personagem depara-se com uma identidade que até então não lhe era peculiar, “você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha.” (BAUMAN, 2005, p. 91).

Diante das pressões, ela se rende às vontades de todos, anulando a sua, e se muda para Porto Alegre a fim de cuidar do neto que nem havia nascido: “Em resumo, o certo para ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó.” (REZENDE, 2014, p. 26). Representada em muitos momentos enquanto passiva e incapaz de se negar aos inúmeros pedidos para viajar que recebia, o peso que carregava na consciência lhe falava mais alto, fazendo-a acatar as vontades da filha. “Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha.” (REZENDE, 2014, p. 74).

Ainda assim, sob uma constante pressão e manipulação psicológica por parte da filha, percebe-se que Alice embora tente resistir, cede às vontades da filha e se deixa dominar por ela. A personagem chega ao apartamento que Norinha já havia mobiliado e decorado “à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo.” (REZENDE, 2014, p. 37). Chega “no dia marcado pelos outros. [...] Fiz tudo o que era necessário, recusando qualquer tipo de emoção, entrei no avião, feito um zumbi, o tempo todo, até chegar ao destino, à fatalidade final.” (REZENDE, 2014, p. 38). Claramente é expresso o conflito constante de Alice consigo mesma, ao se dispor em enfrentar a nova realidade que lhe impuseram, distante de sua história, longe de sua própria vida, tendo suas vontades e desejos reduzidos ao bem estar da filha.

Da antiga vida da personagem, restara-lhe apenas o caderno amarelado e nunca utilizado, que trazia na capa a imagem da boneca Barbie, que se torna o único meio que encontra para expor seus medos, anseios, conflitos, descobertas, arrependimentos ou simplesmente o relato de como foi o dia, já que não tinha com quem conversar. É possível perceber que, ao representar e/ou projetar uma entidade ficcional no caderno, a personagem, em busca de ser ouvida, tem consciência da existência da boneca apenas enquanto ser inanimado, mas cria traços que personificam a Barbie, constituindo, assim, um subterfúgio para abstrair, ainda que momentaneamente, a sua realidade, agora, fragmentada, por meio da escrita diarística: “você é só um recurso mentiroso pra eu me sentir em comunicação com alguém, como se você se importasse, e é de tanta confiança que não vai contar nada pra ninguém?” (REZENDE, 2014, p. 123).

Como se sabe, a personagem Barbie é um símbolo no que tange aos modelos postos de estética e comportamento para a mulher, durante décadas. Em diversos trechos do romance é perceptível a ironia com que Alice trata a representação da boneca, bem como os moldes preestabelecidos para a figura feminina, promovendo momentos de reflexão acerca da importância de descentralizar e pluralizar os conceitos instituídos para o feminino:

Já tomei café, mal, com o pensamento das coisas que vou lhe contar hoje me embrulhando o estômago, ainda... Sorte sua que não tem estômago, Barbie, não é possível que caiba algum órgão aí por dentro dessa sua cintura inumana. Então você pode muito bem aturar impassível o que eu vou lhe contar agora. (REZENDE, 2014, p. 81).

Que engraçada é a cabeça da gente, não é, Barbie?, Mas você não deve perceber que mistério é cabeça de gente, você não é gente, sua pobre cabecinha oca.[...] Não lhe ofereço pra não atrapalhar sua dieta e não estragar sua cinturinha tão incrível. (REZENDE, 2014, p. 102).

Além da presença do estereótipo de “perfeição feminina”, podemos elencar o aspecto da necessidade de uma ouvinte para o texto, mas que fosse inexistente enquanto humana. A necessidade da personagem caracteriza-se não pela falta de aconselhamentos, mas pela falta de uma pessoa que a ouvisse em silêncio, sem julgamentos. A representação da Barbie jamais falaria algo sobre as decisões e desventuras de Alice, que iam de encontro aos moldes que são imputados à mulher, sobretudo a de meia idade, embora ela seja obrigada a se enquadrar neste grupo geracional. Em vários momentos a personagem tem contato com múltiplas pessoas, com quem dialoga, no entanto, só com o caderno é que ela se sente confortável para se esvaziar de toda a raiva, remorso e outros tantos sentimentos que a sufocariam, caso não fossem extravasados por meio da escrita – a forma que encontrou para amenizar o que sentia, afinal, ela escreve para “não sufocar” (REZENDE, 2014).

Com a ida da filha e do genro para a Europa devido ao pós-doutorado e, conseqüentemente, o adiamento da gestação, Alice dá início à busca por Cícero Araújo, que estava perdido há anos em Porto Alegre, sem dar nenhuma notícia à família, na Paraíba. Como dito anteriormente, a busca pelo desaparecido metaforiza a busca pelo próprio sujeito, tendo em vista que “[...] o sujeito da autoficção – Alice – está à procura de si mesmo.” (MARTINS, 2014, p.36).

Em meio a este contexto de descentramento do sujeito, é possível observar que Alice vivencia uma crise identitária, pois

O curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise. (DEBERT, 1998, p. 20).

Diante do caos que se tornara a vida de Alice, ela é impulsionada a ir em busca de peças que completem o quebra cabeça que se formara a partir do sentimento de incompletude e de insatisfação que passa a vivenciar. A personagem precisa descobrir-se. Quem afinal é Alice? A identidade da “velhota”, projetada em Alice por Norinha, é

deixada de lado para que outra identidade possa surgir. Assim, em alguns momentos a protagonista traz à tona traços identitários da professora Póli. A escolha pelo caderno e a opção pela escrita já apontam para a manutenção da identidade da professora na construção da personalidade da “nova Alice”. O dilema concentra-se na “indisciplina” desta em oposição à disciplina e comportamento exemplar que tinha aquela, aparecendo predominantemente no romance como forma de contrastar a reconstrução da identidade da personagem, como se observa nos trechos:

- i. Vai ver que a censura da buzina havia convocado o que ainda restava da disciplinada professora Póli naqueles primeiros dias. (REZENDE, 2014, p. 99).
- ii. Que grande e competente mentirosa eu me tornei, nunca pensei que a professora Póli, tão honesta e certinha, fosse aprender a mentir tão naturalmente. (REZENDE, 2014, p. 100).
- iii. Dormi bem e sonhei em francês esta manhã, seria a antiga professora Póli retornando à vida? (REZENDE, 2014, p. 106).

Diante dessa crise, em que o sujeito vivencia um processo conflitante, que diz respeito às identidades que são preconcebidas e as que surgem a partir dos contextos de comunicação enquanto produtores de sentido, podemos perceber que a partir desse contraponto entre a professora Póli e a “Alice atual”, para a personagem essas múltiplas identidades podem parecer algo estranho, em que se faz necessário optar por uma, abolindo a outra. Com isso, faz-se necessário pensar o construto identitário de Alice em uma perspectiva não-essencialista (WOODWARD, 2014), em que, no processo de (re)construção identitária, embora o sujeito vivencie uma experiência multifacetada, há certa estabilidade de identidades já experienciadas e performatizadas. Podemos afirmar, portanto, que a professora Póli seria a identidade “estável” de Alice, de modo que há sempre recorrências a ela, sem haver o desprendimento de forma totalitária, mas sim um constante questionamento acerca do papel social desempenhado enquanto professora Póli e agora enquanto Alice. Criando-se, assim, certo desconforto e estranheza, pelo menos nos momentos iniciais, com o que a personagem havia se tornado:

O que deixei pra trás, o que me obrigaram a deixar pra trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli. Não tinham mais nada a ver com essa estranha Alice, desenraizada, desaprurada, que nem eu mesma conhecia. (REZENDE, 2014, p. 89).

Ainda neste contexto, do processo de construção identitária, tendo como ponto de partida a cultura em que o sujeito se encontra inserido, as problemáticas que compreendem o subjetivo, a introspecção, mesclam-se a questões de ordem, sobretudo, coletiva. O interesse do eu é mediado a partir do interesse de muitos, tendo em vista a identificação do coletivo com o individual, enquanto parte da formação dessa coletividade, bem como a sua inserção em um contexto interacional, nas mais variadas relações sociais:

Cícero Araújo, Vila Maria Degolada; Cícero Araújo, Vila Maria Degolada”, o tal do mantra que me fazia esquecer todo o resto e resumia meu único destino concreto e imediato, emprestado de outra mulher. (REZENDE, 2014, p. 98).

A empatia é um dos elementos que engendram toda a narrativa, pois ao se colocar no lugar da mãe, que busca o filho perdido, Alice projeta para si a obrigação e o dever de encontrá-lo, ainda que seja este um objetivo secundário da mulher, utilizado como pano de fundo para o encontro consigo mesma e para o afastamento do “apartamento-arapuca montado pela Rainha Nora” (REZENDE, 2014, p. 135). O drama maternal e o redesenho das relações que envolvem esse laço familiar entre Alice e Norinha contrapõe-se à busca por Cícero, pois ela afirma: “eu nem percebi, naquele dia, quando saí de casa atrás de um quase imaginário, um vago Cícero Araújo” (REZENDE, 2014, p. 98), consciente da possível não mais existência de Cícero, persiste em sua busca, a fim de levar alegria à mãe do jovem, enquanto a relação maternal com sua filha resumia-se a mágoa e raiva, que era abrandada com o passar dos dias: “Olhe só, Barbie, como eu chegava perigosamente perto da paranoia e ainda falo “deles” como se fossem meus inimigos, minha filha e meu genro” (REZENDE, 2014, p. 95). A personagem se refere à filha e ao genro como *eles*, estabelecendo, assim, certa distância e indiferença para com sua família, fator que se torna compreensível, tendo em vista o jogo de intrigas e manipulações de que Alice foi vítima.

No período de quarenta dias, a personagem vivencia intensamente, na busca por Cícero, as mais diversas experiências na descoberta de um mundo que, apesar de tão perto, lhe parecia tão longe, repleto de coisas desconhecidas. Assim como a *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, que adentra no *Wonderland* pela curiosidade despertada pelo coelho, e ao cair no buraco depara-se com um mundo mágico, repleto

de seres fantásticos, distantes de sua realidade. Dessa forma, a narrativa de Alice de *Quarenta dias* assemelha-se à inglesa pelo fato da personagem de Maria Valéria realizar uma viagem a um mundo para ela desconhecido, o mundo dos grandes centros suburbanos, desbravando espaços que não lhes eram comuns, em situações inimagináveis até então:

Veja só, Barbie, daqueles primeiros dias da minha quarentena parece que lembro cada detalhe do que vi, pensei, senti... estava me aventurando pelo desconhecido, tinha de estar alerta e atenta a tudo. Já não sou capaz de reproduzir assim, detalhadamente, em sequência quase exata, os caminhos que percorri depois que me soltei de uma vez, à deriva de corpo e alma. Esses já não eram propriamente caminhos, eram sucessivos buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade pelas quais eu ia passando de mundo em mundo, ou era vagar por mundo nenhum... (REZENDE, 2014, p.102).

Vários são os trechos que corroboram para uma intertextualidade com o País das maravilhas, de Carroll, aproximando Alice da “sua xará” e Norinha da Rainha de Copas, enquanto vilã de sua vida, principalmente em Porto Alegre. Como revelam os trechos a seguir:

- i. Alice diminuindo, diminuindo, no meu canto do banco de trás, de onde fui quase arrancada por Norinha (REZENDE, 2014, p. 40).
- ii. [...]pra gente de outro tamanho e feitio, que se eu apoiasse as costas meus pés ficavam balançando bem acima do chão, como se eu estivesse encolhendo, mesmo sem ter tomado nenhum xarope desconhecido feito a minha xará inglesa (REZENDE, 2014, p. 39).
- iii. Cheguei a rir por dentro da ironia, lembrando-me das aventuras de minha xará, imaginando se aquilo era uma mensagem pra mim. Quem seria a Rainha desse jogo em que eu estava metida? (REZENDE, 2014, p. 41).

Neste processo de experiência, as duas Alices não rompem com os espaços onde se encontram e retornam para as situações iniciais, mas conseguem ampliar o olhar para o mundo que as cerca. Assim, neste contato com os mais diversos lugares, como rodoviárias, hospitais, bares, alojamento, obras, campos, vilas, favelas, etc., Alice vivencia momentos únicos em busca do desaparecido. Questiona a inúmeras pessoas, inclusive contrterrâneos, que contribuíam como sabiam para que Alice pudesse chegar até

o homem desaparecido. A personagem narra para a Barbie a trajetória que cumpre em busca de Cícero todos os dias, dormindo por entre os livros de sebos, na rodoviária, em hospitais, indo pouquíssimas vezes em seu apartamento, tornando-se praticamente uma moradora de rua, ao ponto de dormir nos bancos das praças, algumas vezes, enquanto explorava a cidade em busca de Cícero.

Durante todo o processo empreendido na busca do desaparecido, fica claro que os personagens secundários são indispensáveis para a construção da narrativa e sequenciação das ações da protagonista, de modo que eles não se configuram apenas enquanto “menos importantes” (GANCHO, 2002), como se instaurou nos estudos literários, mas se apresentam enquanto “aqueles que definem a grandeza das obras, que lhes dão densidade literária, poética, política, humana” (JUSTINO, 2017, p. 4).

Nesta constante busca, a personagem decide que “só voltaria se e quando eu mesma quisesse e, como ouvi tantas vezes meu avô dizer, palavra de gente honesta é uma bala, uma vez disparada não volta atrás.” (REZENDE, 2014, p. 179), desprendendo-se dos condicionamentos que reduziam a sua vida ao espaço doméstico, em uma situação de memorar, apaziguar os conflitos familiares, etc., pois “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos.” (BOSI, 1997, p. 80), de modo que a representação da velhice seja ressignificada, pois

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que dêem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, à coletividade, a causas, ao trabalho social ou político, intelectual, criador. (BEAUVOIR, 1990, p. 54).

No desfecho do romance, enquanto caminhava para dar continuidade à busca incessante, ao entrar em um caminho escuro, Alice liga a lanterna do celular, e se depara com manchas que pareciam sangue, e segue os rastros, mas em determinado momento a bateria do celular acaba, e ela se desequilibra, tropeça e cai naquele ambiente:

entrei no mato, movendo o foco da luz que já enfraquecia, procurei, nem sabia o quê, achei um celular caído no meio do capim alto, apanhei-o sem pensar e enfiei no bolso da calça, avancei mais um pouco até dar com a luz bem na cara de um homem ainda jovem, os olhos esbugalhados, os braços abertos em cruz, e a poça de sangue já seco, escorrido de um buraco num lado do pescoço dele, mortinho da

silva. Não, ele não podia mais pedir socorro, nem eu, muito menos, não podia fazer nada por ele, mas não era capaz de deixar o coitado ali sozinho, fiquei lá, coisas malucas passando pela minha cabeça, até mesmo a ideia de que tinha, afinal, achado Cícero e como era que eu ia dizer aquilo à mãe dele?... Uma vontade de chorar... Até que a bateria do meu celular descarregou de vez e o morto sumiu na treva. Então, sim, o medo voltou pra valer, não do morto, coitado, mas dos vivos que a escuridão à volta podia esconder, de quem tinha matado Cícero, que era negro e não era Cícero, ou da polícia me achar ali e me levar como assassina. (REZENDE, 2014, p. 168 – 169).

Após se deparar com essa cena, a personagem corre o mais rápido e para mais longe que pode e, vencida pelo cansaço, dorme em um dos bancos da praça. Se é ou não Cícero Araújo morto, não fica claro na narrativa, pois não há indícios que confirmem ou neguem que o filho da manicure da Paraíba, desaparecido há anos, estaria morto. A metáfora, recurso constante no romance, mostra-se ainda mais significativa neste momento da trama. Considerando a busca por Cícero enquanto uma busca da personagem narradora pelo próprio eu, encontrá-lo seria perder o elemento impulsionador da mudança, da busca, da reconstrução identitária, da quebra de paradigmas e estereótipos que a personagem empreendeu durante toda a sua trajetória. A não identificação do corpo só corrobora ainda mais para a não especificidade do sujeito, que não é passível de ser representado por uma única identidade, mas sim em uma versatilidade identitária, pois a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2014, p. 12).

Outra possibilidade de leitura é a de que o encontro com o personagem assassinado, cuja identidade é desconhecida, significa voltar o olhar, trazer ao palco principal ‘aqueles que a sociedade brasileira não quer ver: o estranhamento, exotismo, crueldade [...]’ (DALCASTAGNÈ, 2008, p.8) são marcas que ecoam na contemporaneidade e reflexo do mundo que Alice experienciou por quarenta dias, de modo que a simbologia do sujeito enquanto um constante processo de (re)construção, que está em um constante devir, aponta para a representação que se tem do sujeito contemporâneo. Sujeito este multifacetado que não busca apenas a unidade, mas a multiplicidade, instaurando-se enquanto produtor de seus próprios discursos e regente de suas próprias relações sociais e estabelecimentos de modos de ser e viver.

Considerações finais

A literatura contemporânea brasileira tem apresentado um rico espaço para a exposição das mais diversas formas de enxergar o mundo, ao passo que se apresenta, também, como um elemento que potencializa a voz daqueles que, durante muito tempo, tiveram este direito negado, mas que encontram na literatura um espaço democrático, mesmo em meio a um contexto de conflitos e preconceitos. Vozes das mulheres, das crianças, dos negros, dos gays, dos idosos têm sido ecoadas nos vários gêneros literários: no conto, no romance, na crônica, no poema.

Assim, estudar a literatura de Maria Valéria Rezende, que não se difere destes escritos e se caracteriza como um importante expoente nos textos de autoria feminina, sobretudo em terras paraibanas, é poder enxergar nos seus personagens e nos espaços criados a força que as representações e que os problemas da realidade vivenciados diariamente por todos os sujeitos exercem sobre nós. De forma engenhosa, a autora consegue mesclar a ficção com a realidade de uma maneira a constituir uma literatura que abarca as diferenças, os sujeitos subalternizados que verbalizam os seus próprios enunciados, sem a necessidade de mediação do outro, em um processo de autonomia discursiva, diferente do silenciamento caracterizado pela relação dominador-dominado, que perpassou os séculos.

No romance *Quarenta dias* Maria Valéria cria uma personagem feminina que reage por meio da escrita diarística e do contato com o Outro, desconhecido, às construções sociais repetitivas, estratificadas e injustas que aprisionam as pessoas em papéis pré-estabelecidos. Além disso, trata-se de uma personagem que engendra, de maneira criativa e solidária, novos elos de ligação com o ser humano. O olhar de acolhimento ao Outro, pobres, favelados, loucos, imigrantes, marginalizados, esquecidos, a despeito das cristalizações, que a vêem de maneira reducionista como uma “velha”, tornando-se autora e protagonista de sua própria história e aberta a novas experiências, novos encontros, enunciados, sentidos e desejos.

Neste contexto, é válido salientar que as reflexões elencadas apresentam uma horizontalização acerca dos estudos que evidenciam a representação do feminino em narrativas contemporâneas, tendo em vista o questionamento na obra acerca dos espaços sociais que são oferecidos a mulher depois dos cinquenta anos frente a não mais produção do trabalho material e a não contribuição com o sistema financeiro produtivo,

evidenciando que o trabalho engendrado pela protagonista se configura muito mais enquanto imaterial, pois é por meio do exercício da linguagem, dos afetos e das performances que Alice galga os espaços necessários para concretizar as metas estabelecidas.

Os movimentos empreendidos pela protagonista evidenciam o seu processo de não-pertencimento aos moldes estabelecidos para a mulher de meia idade na sociedade, de modo que as representações atribuídas à personagem tendem a inferiorizá-la, corroborando para a promoção de uma identidade estereotipada e por vezes caricata, ao passo que projeta em Alice a imagem de uma “velha”, privando-a de experienciar novos sentidos, novas vivências, novas histórias, enclausurando-a ao lugar social de avó, daquela que apenas memora e apazigua os conflitos que se instauram no âmbito familiar (BOSI, 1997).

No entanto, a busca de Alice por Cícero aponta para uma ressignificação da construção da imagem da mulher de 50 anos na sociedade contemporânea, que vem assumindo direitos que vão de encontro, muitas vezes, ao conjunto de normatizações e dogmas “prescritos” para a figura feminina. Uma mulher, que, mesmo desacompanhada da figura do masculino, desbrava sem medo um mundo desconhecido até então, adentrando por entre vilas, rodoviária, hospital, periferias. Dessa forma, a questão existencial e da emergência de um motivo para mobilizar a vida (metaforizado na representação de Cícero) norteiam toda a obra.

Ressaltamos mais uma vez que este estudo apresenta-se como um recorte de um dos aspectos evidenciados no romance, os questionamentos acerca do processo de representação enquanto forma reguladora dos comportamentos da figura feminina de meia idade na sociedade contemporânea. Porém, muitos outros estudos podem surgir a partir da leitura e reflexão de *Quarenta Dias*, promovendo, assim, a visibilidade e valorização da literatura produzida por mulheres, sobretudo em âmbito regional. Neste sentido, esta produção insere-se como uma contribuição teórico-metodológica para trabalhos vindouros a partir da literatura Rezendeana.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. *Estação Literária, Londrina*, v. 9, n. 1, p.220-237, jun. 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: *Questões de literatura e de estética*. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998. p. 397 – 428.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução: Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOSI, Eclea. *Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano*. [2012]. Minas Gerais: Revista dispositiva. Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck.
- _____, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.
- CANÔAS, Cilene Swain. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez, 1983.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.
- _____, Regina. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina & THOMAZ, Paulo C. (Org.). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2011.
- DEBERT, Guita. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In: DEBERT, Guita Grin. *Antropologia e Velhice: Textos Didáticos*, n.19, IFCH, 1998.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCALT, Michel. *A ordem do discurso*. 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.
- JUSTINO, Luciano B. *A crítica diante do trabalho imaterial*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 29, v. 18, p. 1-19, 2017. Disponível em [revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/download/402/394]. Acesso em 27 de setembro de 2017.
- MARTINS, A. F. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. 2014. 261 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUCRS. Porto Alegre, 2014.

MELO, Cimara Valim de. *O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea*. 2010. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Português, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Márcio de. O conceito de Representações Coletivas: ma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares. *Debates do Net*, Porto Alegre, v. 22, n. 22, p.67-94, out. 2012.

PEREIRA, Márcia Moreira. Caos e violência: representações do urbano nos contos de Rubem Fonseca e de Marcelino Freire. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 17, n. 28, p.53-65, ago. 2015.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. – 2ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RAMOS, Gilmaria Severiano. Mulheres ‘imorais’, “desordeiras” e “desviantes”: jogos discursivos da imprensa. In: LIMA, Marinalva Vilar de & CORDÃO Michelly Pereira de Sousa. (Organizadoras). *Estudos Culturais*. Campina Grande: EDUFCEG, 2013. p. 31 - 58

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RODRIGUES, Rosângela de Melo. *Mulheres e amores em ficções de autoria feminina*. Campina Grande: EDUFCEG, 2016.

SCHOLLHAMMER, Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, TomazTadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 7-72.

Data de recebimento: 30/03/2018

Data de aceite: 16/04/2018